SEMINÁRIO DOMESTICIDADE, GÊNERO E MEMÓRIA

MESA 2: Espaços por escrito: cidade e memória

Ana Claudia Veiga de Castro[1]

CAROLINA E JOÃO NA CIDADE: DO POPULAR AO MARGINAL

Este texto é uma primeira aproximação a dois autores que falaram de São Paulo desde um lugar específico, o lugar dos pobres. Busco pensar algumas questões sobre o viver na cidade, as relações entre a casa e a rua, as diferenças e as similaridades na experiência de gênero, por meio de homens e mulheres pobres numa cidade que se transformava a cada dia fortalecendo uma imagem de cidade moderna e modernizada, mas na qual o popular paulatinamente se transformava no marginal.

Trata-se de pensar a domesticidade a partir de sujeitos que não têm casa; trata-se de falar de gênero a partir de uma mulher que em uma sociedade conservadora optou ou foi levada a exercer o papel do homem, criando seus três filhos sem um companheiro, e a partir de homens que, nessa mesma sociedade, exercem sua masculinidade no espaço da rua, driblando as funções que lhes seriam as normalmente destinadas a si, serem trabalhadores e pais de família.

Como exercício de leitura do urbano, busca-se aqui os rendimentos que a literatura produzida por Carolina de Jesus e João Antonio – por meio do livro *Quarto de Despejo* (1960) e do conto "Malagueta, Perus e Bacanaço" (1963) – pode trazer ao historiador da cidade acostumado a pensar São Paulo como a cidade que se tornou a principal metrópole brasileira. Se ambos são escritores cujas vidas se entrelaçam ao processo de modernização vivido pelo país, percorrendo caminhos que parecem, eles mesmos, pura ficção, é por meio desses seus escritos que buscamos comentar aspectos daquele processo, destacando alguns excertos que possam dialogar com os temas propostos pelo Seminário Domesticidade, Gênero e Memória[2].

---

[1] Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

[2] O trabalho se insere na pesquisa AS CIDADES E AS IDEIAS A América Latina como problema para a história da cidade e do urbanismo: Lima, Bogotá, São Paulo (1940-1970) (Auxílio regular Fapesp 2016/12292-4), que busca a partir do cruzamento dos discursos urbanístico e literário discutir uma possível identidade às cidades latino-americanas.

A FAVELA E A CIDADE: OS LIMITES DA DOMESTICIDADE EM CAROLINA DE JESUS

16 de julho de 1955, na segunda entrada do diário escrito por Carolina de Jesus e publicado pelo jornalista Audálio Dantas em 1960, podemos ler:

> Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. (...). Vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os péssimos visinhos que eu tenho não dão socego aos meus filhos. (16 de julho de 1955, p. 12)[3]

Com frases curtas que mesclam a descrição de atividades cotidianas, seus sentimentos e sensações, com uma leitura aguda e precisa do funcionamento da sociedade, Carolina joga seu leitor dentro de seu mundo, virando para fora o avesso da cidade.

Mas se atentarmos para o modo como Carolina qualifica a casa e a rua, menos que repisar o que a sociologia já denominou de desenvolvimento desigual e combinado (Cardoso e Falletto, 1970), onde arcaico e moderno surgem como faces da mesma moeda (Oliveira, 1972), podemos começar a perceber os limites tênues entre tais espaços, limites traçados pela experiência de gênero, mas também de classe e de raça, que marcam a vida de Carolina de Jesus em São Paulo.

A casa – tomada aqui como o espaço da domesticidade, que simboliza, evoca e propicia a vida privada –, para Carolina, não é o espaço em que ela se protege do mundo ou onde ela se recolhe e descansa, não é o espaço da sua intimidade, não é nem mesmo o espaço da vizinhança, onde as relações mais próximas e solidárias se estabelecem. Nem sociabilidade burguesa nem sociabilidade pré-moderna, a casa na favela é outra coisa:

> Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora (...). Eu não vou na porta de ninguém. É vocês que vem na minha porta aborrecer-me. (...) O que aborrece-me é elas

[3] Todas as citações de Carolina de Jesus referem-se ao livro *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, em sua edição de 2014 (Cf. Jesus, 2014). Para evitar repetições, optou-se por daqui em diante apenas indicar a data da entrada do diário e a página referente. Manteve-se a escrita conforme a publicação, com eventuais erros de grafia ou sintaxe.

> vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior (...) Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. (18 de julho de 1955, p. 15-16)

A casa, a sua casa – o barracão na favela – é, como ela diz várias vezes, apenas o "quarto de despejo" da cidade, onde a sociedade recolhe os que devem se tornar invisíveis, aquilo que não presta e que deve ser esquecido. A precariedade do local – a favela do Canindé, um aglomerado de barracos sobre a lama, que dia após dia recebe novos moradores (Barone, 2015) – é descrita por ela no seu horror, sem nenhuma idealização possível, detalhando a penúria imposta àquelas vidas condenadas a viverem nas margens. Nos três trechos seguintes podemos começar a compreender melhor sua relação com o espaço doméstico e privado.

> As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenha a impressão que sou um objeto fora do uso, digno de estar num quarto de despejo. (19 de maio de 1958, p.37)

> Cheguei na favela: eu não acho jeito de dizer que cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão. O barraco tanto no interior como no exterior estava sujo. E aquela desordem aborreceu-me. Fitei o quintal. O lixo podre exalava mau cheiro. Só aos domingos que eu tenho tempo de limpar. (31 de maio de 1958, p. 47)

> Quando eu digo casa, penso que estou ofendendo as casa de tijolos. (...) Os visinhos de alvenaria olha os favelados com repugnância. (8 de junho de 1958, p. 55)

Quando recebe a visita de alguém de fora da favela (um tal senhor Dario que ela conhece na época de eleição), Carolina descreve seu incômodo frente ao incômodo alheio:

> Eu mandei o senhor Dario entrar. Mas fiquei com vergonha. O vaso noturno estava cheio. (...) O senhor Dario ficou horrorizado com a primitividade em que eu vivo. Ele olhava tudo com assombro. (26 de dezembro, p. 147)

Se Carolina não tem nenhuma dúvida quanto ao assombro provocado naqueles que vivem na cidade pelo vislumbre da precariedade daqueles que vivem na favela, ela faz da leitura e da escrita – atos privados – o seu cordão de isolamento daquele mundo. A escrita a separa dos favelados. Eles são sujos, são incultos, briguentos, sem educação. Mas ela consegue se apartar e se ver distinta desse mundo de violência, precariedade e sujeira justamente pelo domínio da escrita e pelo gosto da leitura. Em diversos momentos de seu diário, percebe-se a importância dada a atividade intelectual para distinguir aquela Carolina que depende do trabalho bruto, de carregar cinquenta quilos de papel velho na cabeça cruzando a cidade para sustentar a si e a seus três filhos, daquela outra Carolina, que se afasta da brutalidade cotidiana ao sonhar com uma vida normal.

> Aproveitei minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão. (16 de julho de 1955, p. 12)

> Enquanto as roupas corava eu sentei na calçada para escrever.
> (...) Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o radio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem. (21 de julho de 1955, p. 23-24)

A atividade de ler e escrever lhe devolve a humanidade e permite fazer daquele mesmo espaço caótico, inumano, selvagem, seu espaço de sobrevivência, seu sonho de fuga, seu mundo privado.

> Eu gosto de ficar dentro de casa, com as portas fechadas. Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo. (22 de julho de 1955, p. 25).

> Eu hoje estou triste. Estou nervosa. (...) É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. (22 de maio de 1958, p. 41)

Escrita e leitura permeiam suas atividades, não apenas como espaço de reflexão sobre o mundo, mas também como mediação. É pelos bilhetes escritos que seus filhos pequenos vão e voltam ao mercado para comprar alguma coisa, é pela reportagem que escrevem sobre sua vida que ela se faz conhecida, valorizada e invejada pelas vizinhas, é pela possibilidade da edição de seu diário que seu sonho de sair da favela parece se tornar mais próximo. Ou, talvez, apenas como destino reservado aos seus filhos:

> Eu estou contente com os meus filhos alfabetizados. Compreendem tudo. O José Carlos me disse que vai ser um homem distinto e que eu vou trata-lo de Seu José. Já tem pretensões: quer residir em alvenaria. (27 de novembro de 1958, p. 140)

A escrita se torna naquele espaço indistinto entre público e privado o seu lugar de intimidade. Nas madrugadas em que não consegue dormir justamente pela proximidade promíscua das casas, pela presença sonora das brigas e dos amores de seus vizinhos, é o espaço da escrita que lhe garante privacidade, mesmo que seja saindo para ler e escrever na rua, sentada no chão na beira do rio – numa cidade que se urbaniza de modo intenso, mas que ainda mantém espaços livres semi-rurais nos interstícios das novas construções que surgem dia e noite. Não sabemos o que Carolina lia, mas suas descrições nos levam a compreender que a atividade a levava a abolir a distinção entre o mundo do livro e o seu mundo, projetando-se na narrativa de modo a escapar das determinações impostas a si pela sua condição de favelada e negra (Chartier, 1990).

> Esquentei a comida para os meninos e comecei escrever. Procurei um lugar para eu escrever sossegada. Mas aqui na favela não tem estes lugares. (27 de julho de 1958, p. 101)

Na favela, as condições de vida daqueles pobres não lhes permitiria "abrigar dos olhares estranhos uma parte de sua vida, que é justamente o que faz com que ela se torne 'privada'" (Prost, 1992, p. 16). É justamente por isso que Carolina constrói para si um espaço privado dentro do seu diário. Espaço que no entanto ela quer tornar público, editando-o em forma de livro[4], pois é esse artefato também o que a permitiria sair

[4] Antes de Audálio Dantas recolher seus originais para editá-los, ela chega a enviar seus cadernos a uma editora norte-americana (Readers Digest), provavelmente incitada por ele, e quando os americanos os devolvem, sofre com a recusa (Cf. Jesus, 2015).

daquela situação.

Se Carolina quer se afastar dos seus iguais, daqueles pobres que vivem e compartilham com ela o espaço da favela e o espaço da cidade, disputando os papelões e os ferros descartados, as esmolas e a comida no lixo, há algo que não a permite escapar daquele mundo. É a experiência da fome, que atravessa todas as páginas lembrando a ela – e ao leitor de seu diário – o seu verdadeiro lugar, de onde veio e onde deve permanecer. Não vale a pena recolher aqui todas os momentos que a fome interrompe sua reflexão, ou a lança a uma apreciação pungente sobre a vida na cidade. Mas pode-se dizer que é a comida (ou a falta de) que a separa da cidade.

Carolina, seus filhos, seus vizinhos, todos vivem dos restos que a cidade descarta: busca-se ossos no frigorífico e se torce para ter ali alguma gordura; recolhe-se comida dos lixos revirados; compra-se e troca-se alguns poucos mantimentos com os trocados que vão conseguindo amealhar; recebem doações dos católicos, dos crentes, dos espíritas e dos umbandistas; seus filhos aprendem a esmolar nos limites da favela com o bairro para ganhar algum trocado e completar os parcos ganhos.

> Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco de macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me:
> _Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo.
> Foi a primeira vez que vi minha palavra falhar. (20 de maio de 1958, p. 39)

> Passei no Frigorífico para pegar os ossos. No início eles nos dava linguiça. Agora nos dá osso. Eu fico horrorizada vendo a paciência da mulher pobre que contenta com qualquer coisa. (23 de agosto de 1958, p. 116)

"O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome" – diz ela premonitoriamente – "A fome também é professora" (10 de maio de 1958, p. 29). Carolina relata os episódios cotidianos da fome, seus desmaios e tonturas, seu desespero de não ter o que dar aos filhos, os arranjos e expedientes para contornar a falta. Não à toa, seus sonhos são povoados de imagens de abundância:

> Passei uma noite horrível. Sonhei que vivia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. (...). Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Eu estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. (21 de maio de 1958, p. 39)

É nas casas que lhe dão papeis e refugos para vender que Carolina consegue comer pratos decentes de comida e sonha com o momento em que poderá se livrar desse sofrimento cotidiano, tornando-se alguém. Na casa de Dona Julita ou de Dona Nenê, com Tereza Becker ou a moça loira do jornal, Carolina pode finalmente ter outras experiências:

> Fui na dona Nenê. Ela estava na cosinha. Que espetáculo maravilhoso! Ela estava fazendo frango, carne e macarronada. Ia ralar meio queijo para por na macarronada! Ela deu-me polenta com frango. E já faz uns dez anos que eu não sei o que é isto. (3 de agosto de 1958, p. 106)

Apenas nesses momentos alguma solidariedade humana transparece, num mundo povoado de maldades e mau querer. Na cidade de Carolina, os papeis sociais parecem claros: as mulheres são as donas de casa com as quais ela pode estabelecer relações e almejar uma vida condigna, enquanto os homens são os que trabalham, os funcionários do frigorífico que lhe dão ossos, os motoristas do caminhão de tomates que a deixam pegar os tomates que rolam pelo chão na hora de descarregar, os donos dos depósitos que lhes compram os refugos, emprestando ou adiantando pagamento quando as coisas vão ao limite – um mundo burguês idealizado. Já as mulheres que trabalham na cidade, ao contrário, parecem ser "ordinárias", como a moça do açougue Bom Jardim que lhe nega vender banha porque ela é favelada (p. 151). Em compensação,

> (...) na favela eles [os papeis] se invertem, as mulheres trabalham e sustentam os maridos, já que estes não têm emprego. Mas elas também são mais briguentas, xingam e se espancam. Nas favelas, os homens são mais tolerantes, mais delicados. As bagunceiras são as mulheres. (18 julho de 1955, p. 21)

Vira e mexe Carolina se refere a mais um homem da favela que não trabalha e se aproveita de sua companheira:

> Pensei no Alexandre porque ele não precisa pensar no trabalho. Porque obriga a esposa a pedir esmola. Ele tem uma filha: a Dica. A menina tem 9 anos. Ela pede esmola de manhã e vai para a escola de tarde. (21 de julho de 1958, p. 97-8)

> As mulheres que eu vejo passar vão nas igrejas buscar pães para os filhos. Que o Frei Luís lhes dá enquanto os esposos permanecem debaixo das cobertas. Uns porque não encontram emprego. Outros porque estão doentes. Outros porque embriagam-se. Eu não me preocupo com os homens delas. (20 de maio de 1958, p. 37-38)

Talvez por isso ela prefira não se ligar a ninguém, tocando sua vida sozinha e sustentando as três crianças. Com sua insistência em dizer que não se vê com ninguém, que prefere estar só que mal acompanhada, Carolina reconhece os papeis sociais de cada gênero, mas ao mesmo tempo tensiona o lugar que lhe cabe. Andando na corda bamba entre a ordem e a desordem, como já disse Antonio Candido uma vez (1974), e impelida à desordem por uma sociedade pouco comprometida com um desenvolvimento mais equilibrado, Carolina de Jesus reconhece um valor na sua liberdade, e ainda que muitas vezes se apaixone, e queira encontrar "sua cara-metade", sabe exatamente que se os pobres ocupam um lugar inferior na estrutura social, sendo ela pobre, mulher e negra, a ela lhe caberia o último lugar nessa escala. Sua liberdade, realizada na escrita, mas também no repúdio ao casamento, parece lhe garantir nessa estrutura tão determinada alguma dignidade. Entre o português Manuel e o cigano Raimundo, que por ela se interessam e que ela se vê interessada, Carolina vai aqui e ali revelando seus medos diante de qualquer ligação mais duradoura, apelando sempre para sua "diferença", gostar de ler e de escrever:

> O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal". (2 de junho de 1958, p. 49)

> O senhor Manoel chegou... deu-me 80 cruzeiros. Eu não quis pegar. (...) eu disse para o senhor Manoel que ia passar a noite escrevendo (...). Nossos olhares se encontraram e eu lhe disse:
> _ Vê se não volta mais aqui. Eu já estou velha. Não quero homens. Quero só meus filhos. Ele saiu. Ele é muito bom e iducado. E bonito. Qualquer mulher há de gostar de ter um homem bonito como ele é. Agradável no falar. (26 de julho de 1958, p.101)

Assediada aqui e ali, recusa seguidamente as aproximações, e condena os comportamentos fora do padrão burguês. Se o casamento é visto por Carolina como uma prisão, para quem não quer estar presa, o melhor mesmo é ficar sozinha:

> Fui no senhor Eduardo comprar querosene, óleo, e tinta para escrever. Quando eu pedi o tinteiro, um homem que estava perto perguntou-me se eu sabia ler. Disse-lhe que sim. Ele pegou o lápis e escreveu:
> *A senhora é casada? Se não for quer dormir comigo?*
> Eu li e entreguei-lhe, sem dizer nada. (30 de agosto de 1958, p. 118)

> Fiquei horrorizada porque a mulher que estava com o Lalau é casada. Pensei: que mulher suja e ordinária! Homem por homem, mil vezes o esposo. Creio que um homem só chega uma mulher. Uma mulher que casou-se precisa ser normal.
> Esta história de trocar-se de homens como se estivesse trocando de roupa, é muito feio. Agora uma mulher livre que não tem compromisso pode imitar o baralho, passar de mão em mão. (22 de outubro de 1958, p. 126).

Mas a vida também prega peças, e Carolina se apaixona outra vez, e tem vontade de se comprometer.

> Não estou gostando do meu estado de espírito. Não gosto da minha mente inquieta. O cigano está perturbando-me. Mas vou dominar esta simpatia. Já percebi que ele quando me vê fica alegre. Eu também. Eu tenho a impressão que sou um pé de sapato e que só agora é que encontrei o outro pé (...). Parece-me que este cigano quer se hospedar no meu coração. (...) O nome do cigano é Raimundo. Nasceu na capital da Bahia. Mas não

> usa peixeira. Ele parece o Castro Alves. Suas sombrancelhas unem-se. (11 de janeiro de 1959, p. 152-153)

> O senhor Raimundo chegou. Veio chamar os filhos. (...) pensei: se eu estivesse sozinha dava-lhe um abraço (...). Pensei: se algum dia este homem for meu, hei de prendê-lo ao meu lado. (12 de janeiro de 1959, p. 153)

Carolina fica doente quando o cigano vai embora, fica doente porque está apaixonada. E o português está apaixonado por ela. Manuel está presente do início ao fim de seu diário, e talvez se ela tivesse menos medo do que significaria assumir um relacionamento com ele, as coisas seriam distintas.

> O senhor Manuel disse que não vinha mais e apareceu. Ele penetrou na água para chegar até o meu barracão. Resfriou-se. (15 de janeiro de 1959, p. 154)

> Hoje eu estou desorientada e triste. Tem um português que quer morar comigo. Mas eu não preciso de homem. Eu já lhe supliquei para não vir aborrecer-me. (3 de maio de 1959, p. 162)

> O senhor Manoel chegou. Agora estou lhe tratando bem, porque percebi que gosto dele. Passei vários dias sem vê-lo e senti saudades. A saudade é amostra do afeto. (...). Dormi com ele e a noite foi deliciosa. (4 de junho de 1959, p. 168)

Acompanhando sua vida por meio de suas páginas nos vemos como na história de um romance, torcendo pelo herói para que ele encontre alguma redenção, que sabemos, não virá. Chamar de literatura a obra de Carolina de Jesus talvez peça alguns esclarecimentos. Mas ao lermos seu diário podemos notar ali todos os elementos do gênero romanesco, já que a protagonista, a própria Carolina, se caracteriza pelos elementos que marcam o herói do romance, como definido por Lukács (2000): a busca, o contato áspero com o mundo e o impulso de conquista da realidade. Assim como os escritos de João Antonio, que a despeito de não ter publicado nenhum romance, produziu contos de alto teor romanesco, como o próprio “Malagueta, Perus e Bacanaço”, que passamos aqui a analisar. Vejamos.

A RUA E A CASA: OS SENTIDOS DO MUNDO PÚBLICO EM JOÃO ANTONIO

Definido como a epopeia burguesa, o romance se desenvolveu, adaptando-se nessa sociedade burguesa às suas novas características, plasmando a vida social (Lukács, 2000). Os contos de João Antonio cumprem a tarefa de responderem à própria sociedade da qual ele é fruto. Não no sentido dos escritores realistas do século 19, como já ensinou Antonio Candido, mas justamente na sua própria forma, na "sua capacidade de criar linguagem a partir do que se fala no dia a dia", em contos que "são escritos numa prosa dura, reduzida às frases mínimas, rejeitando qualquer 'elegância', e por isso mesmo, adequada a representar a força da vida." (Candido, 2004, p. 13-14).

Malagueta, Perus e Bacanaço são três malandros: um velho já cambaleante, o jovem aprendiz e o rufião em plena forma. Encontram-se na noite e percorrem a cidade – Lapa, Água Branca, Barra Funda, até chegar no centro da cidade e dali seguirem para Pinheiros e retornarem a Lapa – tentando aplicar golpes cada vez mais elaborados, associando-se na sinuca para enganar os "trouxas", sendo eles mesmos enganados pelos malandros mais malandros da noite. Os três estão o tempo todo na rua, vivem as ruas. A casa é o espaço da sombra, que não vale a pena referir-se, sendo lembrada apenas nos momentos em que as coisas se enrolam. A rua é a noite, mas ao mesmo tempo o espaço da luz, que ilumina todos os "safados":

> Safados por todos os cantos. Magros, encardidos amarelos, sonolentos, vagabundos, erradios, viradores. Tanto sono, muita grana, grana pouca ou nenhuma naquela roda de sinuca. A roda fica mais triste em o jogo. Magros, magros. Pescoço de galinha. (Antonio, 2004, p. 145)[5]

Mas enquanto "otários não surgiam, jogo bom não aprecia e a noite não chegava" (p. 145), os três esperam e se divertem brincado de jogo, acertando as bolas no feltro verde sem muita vontade.

[5] Todas as citações referem-se ao conto "Malagueta, Perus e Bacanaço", republicado em 2004 pela CosacNaify. A partir daqui, será apenas identificado o número da página após a citação, para evitar repetições.

Perus, que tem esse apelido justamente por viver na periferia de mesmo nome, com a tia e "seu amásio", faz de tudo para não estar em casa – "porque o homem e ele se atracam muitas vezes. Grudam-se, se socam, rebolam como bichos, que a coisa ali por bem não vai" (p. 155) –, e passa a noite de bar em bar tentando escapar do destino de auxiliar de qualquer coisa que lhe cabe na vida quase adulta. O velho Malagueta, ex-malandro, esmoleiro, bom de jogo, no fundo almeja estar em casa com a sua nega, mas o hábito, ou a falta de grana, o impelem a continuar tomando mais uma e virando outra noite. Bacanaço, malandro fino, "taco melhor, jogador maduro, ladino perigoso da caixeta, do baralho e da sinuca, moreno vistoso e mandão, malandro de mulheres" (p. 148), é o chefe da trupe, planeja, observa, decide.

A larga fortuna crítica dos contos de João Antonio – que já foi comparado por Antonio Candido a Guimarães Rosa, pelo uso da linguagem urbana falada, e que, pela escolha de personagens de algum modo "nos inicia[m n]a esfera dos excluídos, que procuram contornar a miséria usando esse sucedâneo patético do trabalho que são as artes da malandragem" (Candido, 2004, p. 17) – impõe uma leitura. É difícil fugir dessas interpretações – e nem sei se é o caso – também porque elas já ressaltaram como São Paulo aparece ali não como um cenário. A cidade é mais um personagem da noite, com seus espaços marginais que abrigam essa canalha e também toda uma variedade de "trouxa de subúrbio, motoristas, operários, mascates, homens de sacaria, gente da estrada de ferro" (p. 146). São esses sujeitos pobres que se mesclam durante a madrugada do conto e revelam a cidade cujo desenvolvimento se apoia em alicerces múltiplos, muito além da industrialização e dos bairros planejados.

Os personagens de João Antonio parecem cruzar nas ruas da cidade com Carolina de Jesus, com os moradores das favelas, com aqueles que vivem de expediente, aqueles que vivem de biscates, aqueles que vivem da malandragem, e também com aqueles que buscam se inserir nos padrões burgueses que lhes são constantemente negados. Nos diversos episódios narrados vamos reconstituindo a trama social brasileira – como um Joaquim Manuel de Macedo havia feito nas *Memórias de um Sargento de Milícias* e o próprio Antonio Candido havia mostrado. Nessa trama frouxa, onde o trabalho e as classes dirigentes são suprimidos – mas também a casa, o mundo privado, e com ele todas as implicações da inserção burguesa desaparecem – nota-se uma vez mais a potência

da literatura em iluminar esse "setor intermédio e anômico da sociedade, cujas características entretanto serão decisivas para a ideologia dela" (Schwarz, 1997, p. 132), ou seja, um setor que ao fim e ao cabo parece dar os sentidos mais profundos da nossa sociedade[6].

O primeiro golpe da noite, aplicado em Sorocabana – um "trouxa, coió-sem-sorte, [que] andava esbagaçando um salário-prêmio recebido pelos vinte anos de trabalho efetivo na lida brava da estrada de ferro. Sim. Casado, três filhos, um homem de vida brava." (p. 147) – serve para introduzir o leitor nas peripécias da noite, mas também na ética da malandragem[7]. Aplicado por Balalau, outro malandro, o golpe é rememorado por Bacanaço como um modo de organizar o pensamento e planejar as ações. Eles estão na Lapa:

> (...) lusco-fusco. A rua parece inchar.
>
> (...) Gente. Gente mais gente. Gente se apertava.
>
> A rua suja pequena. (...) Pressa, que gente deixou os trabalhos, homens de gravata ou homens das fábricas. (...)
>
> Há espaços em que o grito da cega esmoleira domina. Aquela, no entanto se defende com inteligência, como fazem os meninos jornaleiros, os engraxates, os mascates. Com inteligência. Não fazem como coiós apertando-se nas ruas por causa de dinheiro (p. 150-1).

O elogio do biscate e da esmola se mistura com a condenação do trabalho, que não leva a nada, a não ser a uma disputa pelo espaço das ruas, cheia de "gente feia, otários" circulando em busca da pura sobrevivência. As poucas mulheres que cruzam o conto também são parte desse submundo masculino, a cega esmoleira, uma ou outra prostituta que não dão bola a esses estropiados. É esse submundo, apresentado nas primeiras

---

[6] Vale notar que a frase de Roberto Schwarz foi retirada de seu ensaio sobre a análise de Antonio Candido do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, no qual Candido teria realizado de maneira magistral a síntese ou a articulação entre a crítica sociológica e a análise formalista. Ao fazer isso, atinou que o deslizamento entre a ordem e a desordem que organiza o romance poderia ser visto como um nexo que atravessa a sociabilidade do período, e que permanece como traço da sociedade brasileira – a partir da imposição da lógica do favor, não por uma "tendência à uma vida malandra" (seja lá o que isso quer dizer), mas justamente pelo funcionamento peculiar da associação entre escravismo e liberalismo – tema, como se sabe, explorado pelo próprio Schwarz nas suas análises dos romances de Machado de Assis. O tema, no entanto, foge ao escopo do artigo – mas indica um caminho a ser percorrido em outra oportunidade.

[7] Aplicando um golpe sem dó em Sorocabana, o malandro Balalau resolve gastar a "féria" num restaurante de Perdizes sem distribuir nada dos ganhos aos colegas. Acaba sendo dedurado por alguém à polícia e vai em cana, resultado da sua ganância.

páginas do conto – o espaço da rua durante a madrugada – que os três decidem finalmente explorar: “Virariam São Paulo de pernas para o ar! (...) Esta Lapa não da pé!” (p. 159). Tomam dali o sentido da cidade.

Na Água Banca “corria no Joana D’Arc o triste jogo da vida”. Nesse bar cruzam Lima, morador de um quartinho logo perto, que “não era um malandro, nem era um velho coió”, mas tira aposentado “que ainda sustentava influências” e que cheio de prosa contava causos e saia-se com lições de vida (p. 162). Bacanaço fica de fora do jogo, só observando, enquanto a parceria se firma entre Malagueta se defendendo nas bolas e Perus se atirando, “o entendimento se afinando, certo como um relógio”. Conseguem vencer o tira – mesmo com a desconfiança no ar – e o sucesso do primeiro golpe lhes dá ganas de continuar. Param num boteco “pequenino, imundo, mais escuro e descorado, àquela hora, à zoeira das moscas”, Perus toma um café com leite – como um bom guri –, e dali tomam as alamedas que descem para a Barra Funda (p. 173). Outro clima na noite de sábado:

> Vai-e-vem gostoso dos chinelos bons de pessoas balançavam-se nas calçadas, descansando.
>
> Com suas ruas limpas e iluminadas e carros de preço e namorados namorando-se, roupas todo-dia domingueiras – aquela gente bem dormida, bem-vestida e tranquila dos lados bons das residências da Água Branca e dos começos das Perdizes (...). Aqueles viviam. (p. 173)

No caminho os três malandros recorrentemente se separam dos espaços domésticos, mas se eles pertencem a outro mundo, eles também, como Carolina, no fundo não pertencem à cidade, são seres da sua margem:

> O movimento e o rumor os machucavam, os tocavam dali. Não pertenciam àquela gente banhada e distraída, ali se embaraçavam. Eram três vagabundos, viradores, sem eira nem beira. Sofredores. (p. 174)

A consciência da diferença os une nos seus infortúnios e nas suas carências. Não importava quem era o chefe, quem era o aprendiz, pois suas vidas eram similares na precariedade, seus filhos não eram como os filhos daqueles ali que tinham "a vida ganha": "Seus meninos não precisariam engraxar sapatos nas praças e nas esquinas, lavar carro, vender flores, vender amendoim, vender jornal, pente, o diabo... depender da graça do povo na rua passando" (p. 174), como caberia aos filhos de Carolina de Jesus. Não seriam obrigados a tomar o espaço da rua como seu espaço de trabalho, teriam claras as fronteiras entre a casa e o trabalho, entre o mundo privado, doméstico, e o mundo público, o mundo do trabalho. E quando crescessem, quando se tornassem homens, "não surrupiariam carteiras nas conduções cheias, nem fugiriam dos quarteis, não suariam o joguinho nas bocas do inferno, nem precisariam caftinar se unindo a prostitutas que os cuidassem e lhe desse algum dinheiro" (p. 174). O destino, àqueles que não queriam ser trouxas – porque sabiam que o trabalho aos pobres não reserva muita coisa –, estava assim traçado: a malandragem. E essa não podia ser exercida na cidade. Apenas nas suas fimbrias, apenas nos seus espaços residuais. "Um sentimento comum unia os três, os empurrava. Não eram dali. Deviam andar. Tocassem (...). Havia um rumo – à cidade, catar jogo caro. Barra Funda não deu jogo" (p. 174).

Se a recusa à vida honesta tinha a ver com essa percepção, era também porque a eles o mundo privado era também sazonal. Malagueta tinha uma preta que o aceitava em seu barraco na favela do Piqueri: "dava-lhe boia, comiam e bebiam os dois, davam-se" (p. 176). A preta era vendedora de pipocas no cinema do Moinho Velho, e Malagueta até sonhava em voltar para casa – o barraco da sua nega – com os contos amealhados na malandragem, para com "uma alegria enorme (...) encher o coração da preta: _ Nega, hoje você não se vira!" (p. 175). Sem casa, sem família, tendo recusado o papel de trabalhador honesto, o velho oscilava sobre as fronteiras possíveis do mundo doméstico.

Mas é no centro da cidade que finalmente reencontram os seus. Na madrugada, com o pisca-pisca dos luminosos tudo parecia mais belo e mais calmo: "Luz elétrica joga calma em tudo"(p. 178). O conto recupera uma vez mais aqueles que faziam "São Paulo àquela hora", os "viradores", e entre eles, os três que vão percorrendo as bocas. "Os três sabiam que depois dos luminosos a cidade lhes daria restos e lixos. Só". Igualam-se uma vez mais à Carolina, sobrevivendo das sobras e dos refugos que a São Paulo moderna e

desenvolvida deixava para trás. São João, Ipiranga, Amador Bueno, Santa Ifigênia, percorrem bares e becos, trocam olhares com as mulheres da noite, tentam se arranjar de algum jeito, finalmente sobem numa sinuca em frente da Igreja.

Ali cruzam Silverinha, tira ladino que resolve aporrinhar Perus e tomar-lhe uma grana. Malandro esperto "sempre contorna esbregue com os homens da lei", mas Perus é novato, e no confronto, suando como um cão diante daquele "negro, [onde] todo lustrava – pele, sapato, camisa de seda, gravata, terno branco de linho cento e vinte, unhas, dente de ouro..." (p. 189), não consegue se safar. O abuso do homem da lei recoloca a confusão entre público e privado, para além daqueles considerados às margens da sociedade. O caso só se resolve com a intervenção de Bacanaço, que não age como um malandro, cortando o outro a navalha, mas pede para conversar e, como dois iguais, sentados no tamborete do balcão do bar, resolvem a parada.

> Como colegas. O malandro e o tira eram bem semelhantes – dois bem-ajambrados, ambos os sapatos brilhavam, mesmo rebolado macio na fala e quem visse e não soubesse, saber não saberia quem ali era polícia, quem ali era malandro. Neles tudo sintonizava. (p.192).

Leva quem está do lado de cá. Embora haja uma imensa permeabilidade entre os dois mundos, é o tira quem se sai melhor, recolocando o malandro no seu lugar subalterno. "As três cabeças seguiram baixas. Eram três vagabundos e nada podiam. Seguissem, ofendidos". (p. 193). Decidiram seguir para Pinheiros, mas ali a coisa também não virou: "Pinheiros dormia de todo; nem gente, nem carros, na rua Teodoro Sampaio nem um bonde passava. (...) Bar fechado bar fechado, e aquele mais adiante também" (p. 199). O desânimo, a madrugada, uma certa melancolia, fazem Perus reimaginar seu futuro e

> lhe chegava a ideia velha, solução pretendida, única saída nos momentos de fome. (...). Roubaria uma grana, se enfiaria num trem para Perus, onde ficaria quieto, para de lá não sair mais. Aturaria a tia, o amásio bêbado, a vidinha estúpida e sem jogo, a enorme fábrica de cimento de um lado, o casario mesquinho do outro. E iria se fanar com uma ocupação na fábrica. (...) Malandragem não dera pé. (p. 200-201).

Bacanaço também sonhava, mas pensava em Marli, nome da guerra da menina que ele andava explorando, fazendo a vida num puteiro da rua das Palmeiras e pagando-lhe as "vaidades do vestir e do calçar". Surrava a pobre quando esta lhe trazia menos dinheiro, ou para não deixá-la mal acostumada. O seu mundo doméstico se reduzia a um quartinho de pensão na Lapa, mas Bacanaço mirava mais longe, imaginando-se com Dorotéa, "uma prostituta de fama, um pedação de mulher com que já ensaiara namoro de olhos vivos, lá na avenida Duque de Caxias". Era ela o seu sonho de consumo: "uma égua de raça, que corria na boca e na pretensão de grandes malandros. _ Um mulherão na cama. E um rendimento graúdo" (p. 203-4). O sonho era de grandeza: "um carro, quatro mil por mês por baixo". Com estes pensamentos, chegam na Chinesa, pastelaria do Lago de Pinheiros que "fervia dia e noite sem parar":

> Ali se promiscuíam tipos vadios, viradores, viajantes, esmoleiros, operários, negociantes, romeiros, condutores, surrupiadores de carteira, estudantes, mulheres da vida, bêbados, tipos sonolentos e vindos da gafieira famosa do bairro, o Tangará; apostadores chegados do hipódromo de Cidade-Jardim (...). Corriam ali muitas modalidades de negócio miúdo e graúdo. (...) E aproveitadores proliferavam na confusão, desde o homem triste que vendia maçã de brinquedo até o virador loquaz que aplicava engodos, contos aos caipiras, aos pacatos, aos basbaques, vendendo-lhe terrenos imaginários ou penduricalhos milagrosos, adornos reluzentes ou falsas peças de tecidos famosos com aureola inglesa. Chegado de outros cantos da cidade, dos interiores de são Paulo e do norte do Paraná, o dinheiro ali corria." (p. 206-207).

Depois de baterem um PF na Chinesa, voltam para a rua, o dia amanhecendo, Perus olha o céu, e "aquele sentir, àquela hora, o dia querendo nascer, era de um esquisito que arrepiava. E até julgava, pela força estranha, que aquele sentimento não era coisa máscula, de homem" (p. 207). O menino reprime o sentimento indizível, submetendo o pensamento à ação, entrando em um novo salão de jogo, mas ainda se chegando à janela para não perder, "amorosamente", o nascer do dia: "Já era um dia. O instante bulia nos pelos do braço, doía na alma, passava uma doçura naquele menino, àquela janela, grudado" (p. 208). Não há espaço para sentimento, sentimentalismos, amor ou qualquer esperança. Aquilo não é sentimento de homem. O conto acaba com os três voltando ao jogo, voltando ao golpe, sendo devorados por um malandro maior que eles, Robertinho.

Na Lapa, no velho Celestino onde eles haviam se encontrado primeiramente, "falou-se que naquela manhã por ali passaram três malandros, murchos, sonados, pedindo três cafés fiados" (p. 219).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Seguindo a sugestão de Bruno Zeni ao analisar a obra de João Antonio (2012, p. 23), pode-se pensar que a literatura de ambos, ou seja, também a de Carolina de Jesus, desestabiliza e questiona o tema da oposição entre civilização e barbárie, seja por meio dos personagens, seja por meio da sensação geral que fica da sua leitura. Os personagens habitam um mundo ao mesmo tempo aquém e além da civilização, onde o pobre urbano, os populares, parecem ganhar outra definição. Tornam-se marginais[8].

A aceleração do processo de urbanização, fosse por crescimento vegetativo, fosse pelo grande fluxo migratório, fez com que houvesse um grande aumento da demanda habitacional, refletindo numa primeira fase no adensamento das áreas centrais, com cortiços e favelas que surgem nos interstícios dos bairros, e posteriormente no loteamento de zonas periféricas sem infraestrutura e de acesso precário. Se a população que vai morar nesses locais é no geral a mais pobre, grande parte dela também ocupará as margens do sistema no que se refere aos empregos, tornando-se catadores, ambulantes, biscateiros, etc., na medida em que o desenvolvimento urbano não vinha acompanhado de um efetivo desenvolvimento econômico. Ambos os escritores retratam essas vidas à margem, sendo eles mesmos personagens dessa cidade.

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 na cidade de Sacramento em Minas Gerais e ainda jovem migrou para São Paulo em busca de emprego e melhores condições de vida, atraída justamente pela pujança econômica e pelas possibilidades que o processo de industrialização parecia oferecer. Assim como muitos homens e mulheres na sua condição, descendentes de escravos numa sociedade marcada pelo preconceito e pela discriminação, a ela coube viver na Favela do Canindé, aglomeração de barracos que começava a se formar às margens do rio Tietê, na zona norte, quando ainda não havia a avenida Marginal. O nome homenageava uma cidade do Ceará, e é um índice de que por ali

[8] Para uma discussão do termo na sociologia urbana, e uma reflexão sobre os sentidos que ele tomará nas cidades latino-americanas, ver Castro e Aravecchia-Botas, 2015.

deviam viver muitos "baianos", o modo como os paulistas (e também Carolina) se referiam aos migrantes nordestinos que aportavam na cidade. É desde a favela, a sua casa, que Carolina pensa e vive a cidade, e escreve sobre seu cotidiano de catadora. Levantando as 4 horas da manhã, de segunda à sábado, caminhava todos os dias por um roteiro que passava por casas de particulares a portas de fábricas, recolhendo os refugos da industrialização. Sentia não pertencer totalmente aquele mundo de pobreza e precariedade, embora tivesse consciência que o mundo era dos brancos, e que aos pretos cabia ser governados por eles. *Quarto de despejo, diário de uma favelada*, vem à publico em 1960, pelas mãos do jornalista Audálio Dantas. O livro é um sucesso retumbante, sendo traduzido em mais de 40 línguas. O feito, no entanto, que permite a Carolina sair da favela, não lhe permite mais. Chega a comprar um sítio em Parelheiros, publica ainda outros livros, mas morre pobre e esquecida em 1977. O domínio da escrita a separava daquele mundo da pura necessidade, ainda que aquele mundo não separasse dela.

João Antonio, nascido em uma família de pequenos comerciantes suburbanos, trabalhou em diversos empregos mal remunerados antes de lançar seu primeiro livro de contos, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, em 1963, sucesso imediato de público e crítica, recebendo dois prêmios Jabuti (revelação de autor e melhor livro de contos), algo até então inédito. Depois de escrever os contos, um incêndio em sua casa havia destruído os originais do livro, deixando a ele e sua família só com a roupa do corpo. João Antônio refugia-se na Biblioteca Mário de Andrade e reescreve de memória todos os contos. O sucesso literário o conduz à atividade jornalística, passando a alternar residência entre Rio de Janeiro e São Paulo, sendo considerado um precursor do novo jornalismo no Brasil. Mas no final dos anos 1960 resolve mudar radicalmente de vida: larga seu emprego, destrói seus cartões de crédito, vende seu automóvel, separa-se da mulher (Marília Andrade, com quem teve um único filho) e adota um estilo de vida próximo da marginalidade vivida por seus personagens, dedicando-se totalmente à literatura.

Ambos os autores – e a sua literatura – aclaram as formas múltiplas do viver na cidade, iluminando desde uma perspectiva deslocada aqueles que "não participam do lado eufórico da vida social", como já disse uma crítica a respeito de outro autor (Hossiasson, 2007, p. 285). Pensado ainda como um primeiro exercício, os excertos escolhidos nos levam aqui a lançar luz não nas oposições, mas justamente nos espaços de fricção, nas dobradiças e nas engrenagens que permitem aquela cidade – e a sociedade – funcionar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963). São Paulo: Cosac Naify, 2004

BARONE, A. "Carolina Maria de Jesus, uma trajetória urbana". In: *Anais da XVI Enanpur:* Espaço, planejamento e insurgências. Belo Horizonte, 2015.

CANDIDO, Antonio. "A dialética da malandragem". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, n. 8, p.67-89, 1970. Republicado em *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p. 19-55.

_____. "Na noite enxovalhada" (1996). In: João Antonio, *Malagueta, Perus e Bacanaço.* São Paulo: Cosac Naify, 2004, pp. 11-26.

CARDOSO, Fernando Henrique e FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica* (1967). Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de e ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce. "Visões e representações da marginalidade no território: de Lima à metrópole latino-americana (1950-1970)". In: *Anais do Simpósio Internacional "Pensar e Repensar a América Latina"*, São Paulo : ECA/USP, 2015, pp. 73-87.

CHARTIER, Roger. "Por uma Sociologia histórica das Práticas culturais". In: *História Cultural: entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p. 13-15.

HOSIASSON, Laura. "Posfácio". In: RIBEYRO, Julio Ramon, *Só para fumantes*, São Paulo: CosacNaify, 2007, pp. 283-295.

JESUS, Carolina de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. (1960). São Paulo: Ática, 2015.

LUKACS, Georg. *A teoria do romance*: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica (1965). São Paulo: Ed. 34, 2000.

OLIVEIRA, Francisco de. "A economia brasileira: crítica à razão dualista" (1972). Republicado em *Crítica à razão dualista/ O Ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.

PROST, Antoine. "Fronteiras e espaços do privado". In: Antoine Prost e Gerard Vincent (orgs.), *História da Vida Privada*: da Primeira Guerra aos nossos dias, V. 5, São Paulo: Cia das Letras, 1992, pp. 13-154.

SCHWARZ, Roberto. "Pressupostos, salvo engano, da dialética da malandragem". In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 129-156.

ZENI, Bruno. "Sinuca de malandro: Narradores, protagonistas e figuras paternas em João Antônio". Tese (doutorado). São Paulo, FFLCH, 2012.